

## A ESTRUTURA DA LINGUAGEM EM WALTER BENJAMIN<sup>1</sup>

Marcos Vinícius Leite

**Resumo:** O texto em questão pretende discutir a concepção de linguagem em Walter Benjamin, a partir do texto de 1916, *Sobre a Linguagem em geral e sobre a linguagem humana*.

**Palavras-chave:** linguagem, tradução, natureza.

### Introdução:

Almejamos, neste trabalho, sondar a concepção de linguagem de Walter Benjamin expressa, sobretudo, no pequeno ensaio de 1916, *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana*.<sup>2</sup> A tarefa que se segue tentará traçar um paralelo entre as concepções de linguagem humana, compreendida como a passagem da mudez da natureza para a sonoridade da palavra designadora dos nomes, que é imediatamente herdeira da palavra criadora de Deus, e o que Benjamin entende como sendo o *telos* da tradução.

A tradução será compreendida como um exercício ininterrupto de conversões, onde caberá à linguagem ascender a níveis de pureza. Os graus hierárquicos dos seres determinam as suas possibilidades de expressão na linguagem. Benjamin propõe vários estágios de tradução, ou seja, há uma linguagem da música, da plástica, da poesia, da filosofia e da religião. O *telos* da tradução, segundo Benjamin, será “a transposição de uma língua para outra por meio de um ‘continuum’ de conversões”.<sup>3</sup>

A linguagem, na sua acepção mais geral, acaba por se estender a todas as coisas que habitam o mundo, quer animadas ou inanimadas, pois a todos é necessário a comunicação do seu *conteúdo espiritual*. No entanto, se a linguagem estende-se ao mundo como um todo, a linguagem humana guarda uma singular característica: por seu intermédio vislumbra-se a possibilidade de *traduzir* o silêncio mudo do mundo das coisas para a sonoridade reconhecedora do mundo da palavra humana. A tradução, neste contexto, envolve a concepção de linguagem arquitetada no texto de 1916, daí a necessidade de expormos a mesma.

### 1-A linguagem em geral.

<sup>1</sup> Marcos Vinícius Leite . Mestre em Filosofia – Puc-Rio. Unipac-JF.

<sup>2</sup> Como abreviatura da obra citada utilizaremos: **LL** para *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana*.

<sup>3</sup> **LL**, tr., pr., p., 189.

Segundo Muricy, o texto escrito em 1916, apesar de deter um tom confidencial, apresenta de forma singular as indagações de Benjamin frente ao fenômeno da linguagem<sup>4</sup> e marca a sua renúncia às posições pragmáticas e utilitaristas em torno da mesma, que passa a ser considerada como a revelação de uma determinada *essência espiritual*. A linguagem não se compõe a partir de uma estrutura de significações, pelo contrário, institui-se na irrestrita imediatidade da sua apresentação.

A tematização da linguagem vem de encontro à necessidade de se pensar uma nova dimensão para o conceito de experiência, que, nas configurações kantianas, mantinha a relação, já clássica no mundo moderno, entre sujeito e objeto na constituição do conhecimento. Renunciar este movimento, corresponde em Benjamin à necessidade de se forjar um âmbito no qual a experiência fosse circunscrita a uma totalidade, ou seja, a imediatidade da linguagem nomeadora romperia com a dualidade sugerida pela argumentação kantiana e apostaria na resolução do problema do conhecimento. No entanto, sob qual critério ou experiência humana pôde Benjamin consolidar suas pretensões?

Herdeiro de Hamann, o mago do Ocidente que “foi o primeiro a denunciar a ignorância de Kant quanto ao fato de que todo o conhecimento filosófico tem sua expressão na linguagem”<sup>5</sup>, Benjamin prossegue nas suas indagações procurando trazer à cena as dimensões outras da existência humana negadas pelos desvios operados no bojo do Iluminismo, que redundaram na exclusão da mística, dos sentimentos e das emoções. A exemplo, basta recorreremos ao texto de Kant, *A religião nos limites da simples razão*, que veremos o esforço do filósofo de inquirir e purificar, pelo exercício da razão, outras atividades irreduzíveis a tal faculdade. Porém, Benjamin resgata tais elementos e toma como ponto de partida para a sua concepção de linguagem a *Bíblia*, em especial, o Gênesis. Caminho pelo qual iniciaremos a nossa exposição.

Dois fatos são marcantes para Benjamin na sua interpretação do texto sagrado. O primeiro, relativo à palavra criadora de Deus, que ao ser proferida dá vida ao mundo: “Deus disse: ‘Faça-se a luz!’ E a luz se fez”.<sup>6</sup> O segundo, diz respeito ao movimento operado pela linguagem dos nomes que é ao mesmo tempo reconhecedora e designadora. Narra o Gênesis, capítulo 2, 19-20, que “Deus formou da terra todos os animais selvagens e todas as aves do céu, e os trouxe ao homem para ver como os chamaria; cada ser vivo teria o *nome* que o homem lhe desse. E o homem *deu nomes* a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens”.<sup>7</sup>

Estes dois episódios constituem as bases da concepção de linguagem benjaminiana. Um narra o poder que a palavra divina tem de criar e constituir o mundo. O outro marca de forma singular a atividade da linguagem dos nomes, que ao mesmo tempo sabe-se reconhecedora e designadora. Todavia, essa capacidade originária da

---

<sup>4</sup> 1999, p., 94.

<sup>5</sup> Castro, 1992, p., 49.

<sup>6</sup> Gênesis 1, 3; tr., br., p., 27.

<sup>7</sup> id., p., 30.

linguagem dos nomes, que encerra a relação direta entre linguagem e conhecimento, pois no ato de nomear pressupõe-se intrinsecamente o reconhecimento, decaí com o advento da queda. A relação direta entre a linguagem e as coisas se perde no momento em que ocorre a fissura. Na queda, e o mito é interpretado à luz de uma teoria da linguagem, inaugura-se a *Babel*, ou seja, emerge a fissura irremediável entre linguagem e conhecimento.

Desta forma, à primeira vista, dois níveis de linguagem se interpõem: uma linguagem, que tem por pai Adão e a linguagem humana em geral, que perdeu a inusitada correspondência primeva, emergindo deste episódio, as distinções no terreno da linguagem.

Outro ponto de extrema importância na leitura de Benjamin desses fatos é a compreensão de uma certa estrutura de envio que se estende a todas as coisas do mundo. A interpretação reconhece uma certa comunicabilidade entre o mundo como um todo. A natureza comunica-se com o homem, que por sua vez, se comunica a Deus.

Em linhas gerais, todo o elaborado de Benjamin em relação à linguagem, segundo julgamos, parte dessa interpretação do Gênesis<sup>8</sup>, pois a *magia* da linguagem será este movimento interno da língua, que acaba por constituir-se como a própria linguagem. Benjamin inicia seu ensaio nos informando que “todas as manifestações da vida intelectual do homem podem ser concebidas como uma espécie de linguagem”.<sup>9</sup> As manifestações na poesia, na técnica ou na música, seriam linguagem. Essa forma de linguagem estaria orientada para a comunicação de *conteúdos intelectuais*, pois toda comunicação de qualquer conteúdo é linguagem. Benjamin descarta de saída as posições que propõem a linguagem como apenas uma forma de comunicação de conteúdos, como mediadora de determinadas significações, pois ele compreende que a existência da linguagem, não se reduz às manifestações da vida intelectual do homem, mas acaba por se estender “pura e simplesmente a tudo”.<sup>10</sup> Dando um passo além, todas as coisas, quer animadas ou inanimadas, participam na linguagem, “porque a todos é essencial a comunicação do seu conteúdo espiritual”.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> Cabe aqui considerar o que Benjamin diz em relação à sua utilização do Gênesis. O seu interesse é cerceado pelo tom que a questão da linguagem adquire na Bíblia, que lhe afigura como um potente instrumento, pois a linguagem apresenta-se de maneira decisiva, “ao considerarmos, a seguir, a essência da língua com base nos primeiros capítulos do Gênesis, não deve considerar-se que temos como finalidade uma interpretação bíblica, nem, neste ponto, apresentar objectivamente à reflexão a Bíblia como a verdade revelada, mas sim a descoberta do que, atendendo à natureza da própria língua, resulta do texto bíblico; e, relativamente a esta intenção, a Bíblia de início é insubstituível, devido apenas ao facto de, essencialmente, estes procedimentos lhe serem conformes, na medida em que se pressupõe a linguagem como realidade última, inexplicável, mística e só observável na sua evolução” (LL., tr., pr., p. 185.)

<sup>9</sup> LL., tr., pr., p., 177.

<sup>10</sup> id.;

<sup>11</sup> id.;

Nesta primeira assertiva, a linguagem passa a ser a comunicação de um determinado conteúdo, que Benjamin conceitua de *essência espiritual*. Assim, tanto as manifestações humanas, quanto as demais manifestações da natureza se utilizariam da linguagem no intuito de comunicar a sua *essência espiritual*. Benjamin aponta ainda uma coincidência entre comunicação e expressão. A comunicação é a expressão de uma determinada *essência espiritual*. Desta forma, “nada podemos imaginar que não comunique a sua *essência espiritual*, manifestando-a através da expressão”.<sup>12</sup> Logo, a expressão seria a apresentação imediata na linguagem de uma determinada *essência espiritual*. A expressividade seria a *magia* própria à linguagem, contudo, o enigma da linguagem resolver-se-ia se compreendido este movimento de apresentação que por fim constitui a própria linguagem.

A resolução do enigma aponta para uma distinção crucial sem a qual seria impossível resolver a problemática em torno da linguagem, questão que, segundo Benjamin, deixou de ser ponderada ao longo da tradição, isto é, devemos compreender que a linguagem, que é a pura expressividade, corresponde à apresentação imediata de um *essência espiritual* na sua parte comunicável. A parte comunicável de um *essência espiritual* seria a própria linguagem. Sem a distinção entre o que seria uma *essência lingüística* e propriamente a *essência espiritual*, o enigma da linguagem é insolúvel, pois

“para se compreender uma essência lingüística temos sempre que nos interrogar sobre qual a essência espiritual de que ela é expressão imediata. Isto é, a língua alemã, por exemplo, não é de modo algum a expressão de tudo o que - supostamente - podemos exprimir *através* dela, mas sim a expressão do que *nela* se transmite. Este ‘se’ é uma essência espiritual”.<sup>13</sup>

Desta forma, a questão chave - o que comunica a linguagem? - poderia ser respondida levando em consideração a distinção entre a *essência espiritual* e a *essência lingüística*. Esta não corresponderia de forma alguma àquela, pelo contrário, seria a expressão imediata da parte comunicável da essência espiritual, sendo a linguagem sua expressão, contudo, a expressividade da língua seria a própria língua e não uma mediação que usaria a linguagem como um veículo ou instrumento. Assim, “a linguagem comunica, pois, a respectiva *essência lingüística* das coisas, mas a sua essência espiritual só a comunica na medida em que esta seja imediatamente contida na essência lingüística, na medida em que é comunicável”.<sup>14</sup>

Os equívocos em torno da linguagem assentam no fato de haver uma incompreensão frente ao movimento de expressividade da língua. A resposta à pergunta “o que

---

<sup>12</sup> id., p., 178.

<sup>13</sup> id.;

<sup>14</sup> id., p., 179.

comunica a linguagem?” redonda em uma tautologia, ou seja, “todas as linguagens se comunicam a si mesmas”.<sup>15</sup> O esclarecimento desta questão envolve a compreensão de que tudo “aquilo que numa *essência espiritual* é comunicável é a sua linguagem”.<sup>16</sup>

A questão a ser ponderada neste momento envolve a compreensão da imediatidade deste acontecimento, pois o comunicável é o que constitui a linguagem e o comunicável pertence sempre à *essência espiritual*. Daí a necessidade de se compreender a relação medial que ocorre. No entanto, Benjamin reconhece como *medium* o imediatismo que ocorre neste evento constituidor da linguagem e como mágico, o acontecimento. A *magia* da linguagem é justamente a expressão nela da parte comunicável de uma *essência espiritual*.

Assim, já que a linguagem não comunica nada a não ser ela mesma, outros atributos lhe cabem. Um deles é a sua infinidade. A instituição da linguagem como ilimitada advém da sua impossibilidade de ser comensurável. As limitações exteriores não depõem a favor de um possível acabamento do que poderá ser comunicável, já que o que constitui a linguagem não é mensurável ou cerceado por ela mesma.

As considerações em torno da linguagem em geral parecem encerrar neste momento. Benjamin considerou os aspectos gerais que a envolvem. Porém, assinalamos: partindo do princípio que a natureza está impreterivelmente impelida a comunicar o seu conteúdo espiritual, surge a necessidade de se estender o advento da linguagem para todo acontecimento. No entanto, uma questão se coloca: por qual tipo de linguagem a comunicação silenciosa que se estende ao todo poderia ser traduzida em som? A comunicação dar-se-ia em todos os níveis? A natureza, a quem ela comunica? Ao homem? Em caso de resposta afirmativa, por qual intermédio ou forma de linguagem que o homem capta, recebe, e prescreve essa informação? E por fim, a quem comunica o homem? Na resposta dessas indagações encontraremos o objeto da nossa questão principal: a possibilidade da linguagem humana traduzir em som a mudez do mundo da natureza.

## **2 – O designar da linguagem humana.**

Delimitado o âmbito da linguagem em geral, Benjamin passará a tratar das especificidades da linguagem humana, sendo o ponto culminante da argumentação a possibilidade do homem expressar sua *essência espiritual* na linguagem, movimento que ocorrerá na linguagem dos nomes.

“A essência lingüística das coisas é a sua linguagem”.<sup>17</sup> A *essência lingüística* do homem é a sua linguagem, porém, a linguagem humana é marcada por uma singular

---

<sup>15</sup> id..

<sup>16</sup> id..

<sup>17</sup> id., p., 180.

propriedade: ela é a única que se compõe a partir da denominação. Benjamin é enfático na sua indagação: “não conhecemos nós outras linguagens que denominam as coisas? Não se objecte que não conhecemos outra linguagem além da do homem. Não é verdade. O que não conhecemos é outra linguagem designadora além da do homem”.<sup>18</sup>

Mas, se o homem designa as coisas, ele certamente o faz com o intuito de se comunicar a alguém, questão que não se exclui da rede de comunicação que perpassa toda a natureza, pois, se a natureza não se transmitisse ao homem, como ele a designaria? A circularidade do raciocínio culminará na unificação da cadeia de envios e reenvios na figura de Deus, no entanto, temos que explicitar “como se transmite o homem?”.<sup>19</sup>

A “concepção burguesa de linguagem”, criticada por Benjamin pela sua incapacidade de resolver a *magia* da língua, aposta que a palavra é o meio de comunicação entre a coisa e o homem. Sendo assim, o destinatário da comunicação humana é o próprio homem. Tal abordagem não soluciona o problema em foco, porque reduz a linguagem à esfera da mera comunicabilidade.

O enigma poderá ser resolvido, debruçando-nos sobre o movimento operado na linguagem dos nomes. Neste terreno, não encontramos “nem meio, nem objecto, nem destinatário da comunicação”<sup>20</sup> e, como já salientamos, é um dos pontos de destaque na releitura de Benjamin do Gênesis.

O estatuto dado à linguagem dos nomes por Benjamin revela a importância deste episódio narrado na *Bíblia*. Ao término da criação, o homem é conclamado a nomear as coisas. A sua nomeação é devedora de um reconhecimento, que, aos olhos de Benjamin, é a expressão na linguagem da parte comunicável da *essência espiritual* de cada coisa. A nomeação não admite fissuras e nem ressalvas, daí ser considerada como a *essência espiritual* da própria linguagem

“no domínio da linguagem, só o nome tem este sentido e significados incomparavelmente elevados: ele é a essência mais íntima da própria linguagem. O nome é aquilo através de que nada mais se comunica e, no qual, a própria linguagem se comunica em absoluto. No nome, a essência espiritual que se comunica é a linguagem. No ponto em que a essência espiritual, na sua comunicação, constitui a própria linguagem na sua globalidade absoluta, só nesse ponto existe o nome e apenas o nome”.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> id..

<sup>19</sup> id., p., 181.

<sup>20</sup> id..

<sup>21</sup> id., p., 181, 2.

Mas, o nome, fruto da linguagem denominadora do homem, é um acontecimento que se restringe ao advento do humano. O homem carrega em si uma fagulha da palavra criadora de Deus, apresentando no ato da denominação a sua *essência espiritual*, isto é, a linguagem dos nomes.<sup>22</sup> A pureza desta linguagem aponta para a possibilidade do homem comunicar na linguagem, e não através da mesma, a sua *essência espiritual*. A linguagem dos nomes constitui-se a *essência espiritual* do homem, pois

“o nome como herança da linguagem humana, garante, pois, que a linguagem pura e simples seja a essência espiritual do homem; e só por essa razão é que de todos os seres espirituais apenas a essência espiritual do ser humano é integralmente comunicável. Este facto fundamenta a diferença entre a linguagem humana e linguagem das coisas. É por a própria linguagem ser a essência espiritual do homem que ele não se comunica através dela mas apenas nela”.<sup>23</sup>

Além de toda a importância da linguagem dos nomes, Benjamin salienta que nela encontramos a “linguagem da língua”<sup>24</sup>, pois a estrutura essencial da linguagem “manifesta-se, segundo a qual é a mesma coisa exprimir-se e dirigir-se ao outro”<sup>25</sup>. As análises pragmáticas da linguagem sempre renunciaram tal compreensão. Daí os equívocos oriundos de tais interpretações, como também, a irresolução do problema da dignidade da língua.

A linguagem do nome, carregaria uma denominação universal, que abrangeria a totalidade intensiva e extensiva da linguagem. Só no nome atingimos a expressividade na sua generalidade absoluta, na medida em que na sua intensidade pronunciamos a totalidade comunicável de uma *essência espiritual* e na sua extensão comunicamos a sua inteira universalidade.

O nome afigurar-se-ia como um duplo movimento que não sofre nenhuma espécie de mediação. Nele o designar e o comunicar fundem-se na idealidade absoluta da

---

<sup>22</sup> Segundo Gênesis I, Deus não criou o homem a partir da palavra mas por outro expediente. A terra foi a matéria prima utilizada para a criação do primeiro homem. Na narrativa, Deus insuflou naquele que foi criado a sua imagem e semelhança, segundo Benjamin, a dádiva da língua, daí ser possível ao homem comunicar a sua *essência espiritual*, “Deus não criou o homem a partir da palavra, e não o denominou. Não quis subordiná-lo à língua, mas sim libertar de si no homem a língua que *lhe* tinha servido como *medium* de criação (...). Deus criou-o à sua imagem, criou o reconhecedor à imagem do Criador. Por essa razão necessita de ser explicada a frase: a essência espiritual do homem é a língua. A sua essência espiritual é a linguagem em que foi criado” (LL., tr., pr., p. 187.)

<sup>23</sup> LL., tr., pr., p., 182.

<sup>24</sup> id.;

<sup>25</sup> id.;

linguagem. No nome apresenta-se imediatamente tudo que pode ser dito, e por ser dito, é elevado à universalidade absoluta.

Revelada a dignidade da linguagem humana, porque é nela que se apresenta a estrutura própria da língua, pois o que poderá ser dito deverá necessariamente ser denominado pelo homem, e aqui, bem entendido, o que será denominado é dependente da rede de comunicação que se estende a todas as formas no mundo, poderemos dar o nosso último passo, aquele que diz respeito à sonoridade do mundo expressa na linguagem do homem.

### **3 – A sonoridade do mundo.**

O estatuto da linguagem dos nomes nos remete a outras questões que a metafísica da linguagem tentará responder. Para tal, é de crucial importância indagar-se se a “essência espiritual em geral tem a qualidade de língua do ponto de vista da lingüística”<sup>26</sup>, logo é necessário postular uma cadeia de graduação entre os seres, que culminará no conceito de Revelação, onde a imaterialidade da língua é contemplada, pois nele se “considera a intangibilidade da palavra como única e suficiente e, como caracterização do divino da essência espiritual, que nela se manifesta”.<sup>27</sup>

A tensão entre o expresso e o exprimível e o não expresso e o não exprimível toma em Benjamin o caminho inverso, ou seja, quanto mais “profundo, existente e real for o espírito, tanto mais ele é expresso e exprimível”.<sup>28</sup>

A possibilidade de expressão está cerceada à profundidade da coisa, isto é, quanto mais imaterial, mais exprimível, daí uma hierarquização no terreno dos objetos lingüísticos. No topo, encontraríamos a filosofia e a religião, ambas circundadas pelo conceito de revelação; a meio caminho, teríamos a poesia e as demais expressões artísticas que recorrem ao conteúdo material da língua; no início da cadeia e presa à materialidade da comunicação, no qual o princípio formal da linguagem, o som, é negado, estariam as coisas, que apesar de sua mudez não estariam fora da âmbito da linguagem, pois “elas só podem comunicar-se, entre si, através de uma comunidade, mais ou menos material. Esta comunidade é imediata e infinita, como a de qualquer comunicação lingüística; é mágica”.<sup>29</sup>

A hierarquização dos graus do ser, na sua possibilidade interna de expressão, terá como desenvolvimento a idéia de que toda linguagem é a tradução de uma língua imperfeita para uma mais perfeita, movimento pelo qual atingiríamos um língua pura, onde “a expressão lingüísticamente mais existente, isto é, mais fixa, seja lingüísticamente a mais expressiva e inamovível; numa palavra, que o mais expresso seja, simultaneamente, o puro espiritual”.<sup>30</sup>

---

<sup>26</sup> id., p., 183.

<sup>27</sup> id., p., 184.

<sup>28</sup> id.;

<sup>29</sup> id., p., 185.

<sup>30</sup> id., p., 184.



A recepção e a espontaneidade próprias à linguagem dos nomes fornecem os subsídios para entendermos o conceito de tradução em Benjamin e as suas constantes conversões. A fundamentação do conceito de tradução é devedora desses pressupostos, pois o exercício da linguagem efetiva-se na medida em que é possível um reconhecimento, ou seja, o homem nomeia as coisas quando capta o modo como elas lhe transmitem. A linguagem caminha desta forma em direção à palavra criadora de Deus, pois só aí encontramos o ponto decididamente reconhecedor.

Os níveis hierárquicos de expressão são determinados pela possibilidade interna das coisas de se exprimirem na linguagem que lhe cabem. Assim, teríamos infinitas formas de expressão, isto é, infinitas formas de linguagens, que cessariam o seu exercício na medida em que reconhecessem, em última instância, a palavra criadora de Deus, ou a língua pura. Assim, o conceito de tradução deverá ser fundamentado na camada mais “profunda de uma teoria lingüística”, adquirindo o seu

“significado total quando se compreende que qualquer linguagem mais elevada (com exceção da palavra de Deus) pode ser considerada como tradução de todas as outras. Com a já mencionada relação das línguas, como a dos *media* de diversas densidades, assegura-se a ‘traduzibilidade’ das línguas, de umas para as outras. A tradução é a transposição de uma língua para outra por meio de um ‘continuum’ de conversões”.<sup>31</sup>

A relação medial entre as linguagens é o ponto decisivo para a compreensão do conceito de tradução, pois *medium* significa aqui a instituição da própria linguagem, ou seja, a apresentação imediata de uma *essência espiritual* na sua parte comunicável. A variedade de linguagens aponta para a diversidade dos *media*, ou seja, da apresentação imediata de uma *essência espiritual*.

Este ideal de conversões ininterruptas de linguagem nos orientará para compreendermos o papel da linguagem humana na tradução da linguagem inferior da natureza. O homem atingiria a sua essência na medida em que desenvolvesse tal itinerário.

O som, como característica da comunidade imaterial da linguagem humana com as coisas e como princípio formal da linguagem, será compreendido por Benjamin a partir de suas considerações em torno do Gênesis.

Na leitura do mito, poderemos distinguir três níveis de linguagem. O primeiro, seria o momento mesmo da criação, onde a palavra acaba por constituir as próprias coisas.

---

<sup>31</sup> id., p., 189.

Não há fissura entre os movimentos operados pela ordenação divina e a criação das coisas. Linguagem e instituição da realidade são simultâneas.

O segundo, partiria da segunda versão da criação, onde o homem recebe de Deus o poder da palavra. A dádiva da língua afigura-se como uma aposta, isto é, Deus abandona no homem o poder da palavra reconhedora. A palavra humana não tem o mesmo estatuto da palavra divina, no entanto, a reconhece imediatamente nas coisas. Adão é o ser que representa esta estrutura. Segundo Benjamin, “o homem é reconhedor da mesma língua em que Deus é criador”.<sup>32</sup> Como herança, o homem recebe a força do conhecimento. Neste nível, a língua de Adão representa o movimento da linguagem dos nomes. Não há cisão entre linguagem e conhecimento. A nomeação é devedora de um reconhecimento simultâneo às coisas “este conhecimento da coisa não é criação espontânea, não acontece a partir da linguagem de forma absolutamente ilimitada e infinita tal como a esta sucede; o nome que o homem dá à coisa assenta no modo como ela se lhe transmite”.<sup>33</sup>

O terceiro movimento da língua romperia a estrutura do paraíso e instituiria a cisão completa entre realidade, conhecimento e linguagem. O advento da Babel seria o pecado originário da língua. O homem perdeu a relação primeva de reconhedor das coisas. A linguagem perdeu-se em um palavreado, expressão que Benjamin recupera de Kierkegaard, denotando um sentido de palavra vã. Essa palavra caiu no submundo da significação e reduziu a linguagem à mera comunicabilidade de signos. Benjamin destaca três significados para o advento da cisão entre linguagem e conhecimento: 1) na medida em que o homem desvencilhou-se da linguagem dos nomes, ele reduziu a linguagem à esfera da comunicabilidade; 2) inaugurou-se um outro imediatismo, aquele da sentença; 3) a origem da abstração nasceu do abandono da linguagem dos nomes, pois, instituiu-se a partir da tentativa de denominação do bem e de mal que em si mesmos são inomináveis.

Sendo assim, situa-se em dois níveis a mudez da natureza, o primeiro corresponderia ao momento adâmico da linguagem, onde as coisas ganhavam os seus nomes e a sua dignidade ao serem denominadas pelo homem primevo, que reconhecia a palavra criadora de Deus como sendo as próprias coisas, pois, como diz Hamman, “tudo o que o homem, no princípio, ouviu, viu com os olhos... e as suas mãos tocaram, era... palavra viva: porque Deus era a palavra.”<sup>34</sup> Neste nível, a mudez da natureza pôde ser transposta para uma linguagem mais perfeita e o homem cumpriu o seu papel diante de Deus, no momento em que encerrou, no ato da nomeação, a criação.

No segundo nível, a mudez da natureza está vinculada à queda, ao palavreado vão que se estabeleceu. A ruptura entre linguagem e conhecimento marcará definitivamente a tristeza da natureza, que, devedora do saudoso reconhecimento da linguagem humana, encontra-se subjugada às variedades de línguas. A mudez entristecida da

---

<sup>32</sup> id., p., 187.

<sup>33</sup> id., p., 188, 9.

<sup>34</sup> Citado por Benjamin, p., 190.

natureza é resultado da perda da capacidade originária de expressão da linguagem dos nomes,

“a natureza entristece porque é muda. No entanto, a inversão desta frase conduz-nos ainda mais profundamente à essência da natureza: a tristeza da natureza fá-la emudecer.(...) Assim, o ser triste sente-se plenamente reconhecido pelo irreconhecível. Ser denominado permanece, talvez, sempre uma idéia de tristeza. Tanto mais quanto mais o ser denominado provenha não de uma bem-aventurada linguagem do Paraíso dos nomes, mas sim das centenas de linguagens dos homens, nas quais o nome fenecia e que, contudo, segundo a sentença de Deus, reconhecem as coisas”.<sup>35</sup>

A denominação adâmica garantia a elevação da mudez à sonoridade, no entanto, com o advento da queda, as várias linguagens possíveis encontram-se em estrita relação, alternando entre si, como *media*, na busca da inusitada capacidade expressiva da linguagem dos nomes. A tradução da mudez em sonoridade dá-se em todos os níveis possíveis de linguagem.

As conversões, com o advento da queda, serão ininterruptas. A tradução acabará por se estender a tudo, buscando atingir sempre o insonoro. A tarefa infinita da linguagem é debruçar-se constantemente sobre o que não pode ser dito, tentando, por este procedimento, atingir a relação estabelecida na linguagem dos nomes, onde conhecimento e linguagem eram simultâneos. Portanto, cabe à tradução enredar-se no constante movimento de transposição das línguas através de “um contínuo de conversão, e não por domínios abstractos de igualdades ou semelhanças”.<sup>36</sup> A diversidade de linguagens nos informa que a tarefa do tradutor é infinita.

---

<sup>35</sup> LL., tr., pr., p., 194.

<sup>36</sup> id., p., 189.



## BIBLIOGRAFIA.

AAVV. *A Bíblia*. Trad. de Ludovico Garmus Editora Vozes, Petrópolis, 1994.

BENJAMIN, W. *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana*. Trad. de Maria Luiz Moita. Relógio D'Água Editores, Lisboa, 1992.

\_\_\_\_\_. *A Tarefa do Tradutor*. Trad. de Karlheinz Barck. Cadernos do Mestrado – Literatura, Rio de Janeiro, 1994.

BARCK, K. *A tarefa de traduzir “A Tarefa do Tradutor” no Rio de Janeiro*. Cadernos do Mestrado – Literatura, Rio de Janeiro, 1994.

CASTRO, C. *Na Magia da Linguagem*. O que nos faz pensar, nº 6. Rio de Janeiro, 1992.

CONDURU, R. *Arte e Experiência na Modernidade*. O que nos faz pensar, nº 6. Rio de Janeiro, 1992.

FELINTO, E. *Walter Benjamin e a Magia da Linguagem: Anotações sobre uma mística atéia*. Cadernos do Mestrado – Literatura, Rio de Janeiro, 1994.

FRAZÃO, I. *Lembrando Carlo Barck*. Cadernos do Mestrado – Literatura, Rio de Janeiro, 1994.

KANT, I. *A religião nos limites da simples razão*. Trad. Artur Morão. Edições 70, Lisboa, 1992.

MURICY, K. *Alegorias da dialética. Imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1999.

PORTUGAL, E. *Magia e Imediatidade na Filosofia da Linguagem de Walter Benjamin*. O que nos faz pensar, nº 6. Rio de Janeiro, 1992.